



Recebido em: 15/06/2020

Aceito em: 12/07/2020

Pensando as religiões afro-brasileiras: alguns apontamentos e inconclusões.

Thinking about Afro-Brazilian religions: some notes and inconclusions.

Doutorando Rogério José de Souza¹

UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/4584382060373481>

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar de forma embrionária algumas questões relacionadas aos sentidos e significados partilhados pelo samba em relação às religiões de matriz africana. As reflexões insinuam que o referido gênero musical, por vezes, partilha e compartilha de noções que associam as religiosidades afrobrasileiras ao negativo, ao feitiço, a maldade e não pode ser analisada apenas pelo prisma da exaltação das culturas negras. Assim, quisemos sugerir que este processo que associa os cultos de matriz africana ao mal é um fenômeno de longa duração (no qual a Igreja católica, antes mesmo dos neopentecostais, teve um papel decisivo) encontra eco nas expressões da cultura popular.

Palavras-chaves: Samba – religiões afro-brasileiras – negros – africanos – cultura popular

Abstract: The purpose of this article is to embrace some issues related to the senses and meanings shared by samba in relation to religions of African origin. The reflections suggest that the aforementioned musical genre sometimes shares and shares notions that associate Afro-Brazilian religions with the negative, the spell,

¹ Doutorando no Programa de História Comparada da UFRJ.

the evil and cannot be analyzed only through the prism of the exaltation of black cultures. Thus, we wanted to suggest that this process that associates African cults with evil is a long-lasting phenomenon (in which the Catholic Church, even before the neo-Pentecostals, played a decisive role) finds echo in the expressions of popular culture.

Keywords: Samba - Afro-Brazilian religions - blacks - Africans - popular culture

1. As religiões afro-brasileiras e o samba: notas sobre a cultura popular.

Em 14 de dezembro de 1926, o Jornal "O Globo" publicou a letra do samba "És minha assombração" do José Francisco de Freitas². A canção, que fazia parte do repertório musical do carnaval de 1927, trazia os seguintes versos:

Juro que não te quero, mulher
Levaste minhas meias
Para fazer candomblé
(Bis)
I
O Mulher muambeira
Tu aqui não hás de voltar
Eu já fui lá na macumba
O feitiço desmanchar
(Bis)
II
Achei um embrulhinho
Parecia um feitiço
Me benzi com a mão esquerda,
Sou esperto ... não vou nisso
(Bis)
III
O' nega do barulho
És minha assombração! ...
Vou arranjar agora uma branca,
Já estou farto de João! ...
(Bis)³

De imediato, cabe ressaltar os versos que aludem ao candomblé/macumba associando-a ao feitiço, a magia como sinônima de algo negativo: "O mulher muambeira... Eu já fui lá na macumba, O feitiço desmanchar". Um pouco depois o candomblé e catolicismo aparecem implicitamente na dicotomia bem x mal, ambos metaforizados em signos ritualísticos das referidas religiões: "achei um embrulhinho, parecia um feitiço, me benzi com a mão esquerda, sou esperto... não vou nisso". Por fim, a última estrofe revela à origem étnico-racial da "nega do barulho", insinuando a inerência do feitiço à referida mulher e apontando a solução para o fim da querela: "Vou arranjar agora uma branca. Já estou farto de João!".

² Um dos principais responsáveis pela fixação da marchinha. Nasceu em uma família de classe média em 1897 e morreu em 1956. Aos oito anos de idade compôs a valsa "13 de setembro", sua primeira obra. Também conhecido como Freitinhas. Aos 10 anos compôs a valsa "Pereira Passos", homenagem ao então prefeito do Distrito Federal, provavelmente, por influência do pai. Por conta dessa composição ganhou uma matrícula gratuita no Instituto Profissional Marcelino, onde conheceu o maestro Francisco Braga com quem estudou composição e piano. Ver: ALBIN, Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/jose-francisco-de-freitas>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

³ FREITAS, J. F. És minha assombração. Rio de Janeiro, 1926. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019261214>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

Iniciamos com a apresentação desta música de gênero popular, pensado-a como parte ilustrativa das reflexões que iremos propor neste artigo. De imediato, a canção traz para nós algo importante: experiências e significados das religiões de matriz africana partilhados e compartilhados pela cultura popular. Este universo de referências não está circunscrito ao samba descrito acima ou mesmo à temporalidade que o mesmo está inserido, mas é um fenômeno de longa duração⁴ que possui exemplos na contemporaneidade, conforme composição “Vou botar seu nome na macumba”, popularizada na voz do Zeca Pagodinho:

Eu vou botar seu nome na macumba.
Vou mandar uma feiticeira
Fazer uma quizumba para te derrubar
Oi Iaiá.
Você me jogou feitiço
Quase que eu morri.
Só eu sei que sofri
Deus me perdoe,
mas vou me vingar⁵.

O primeiro samba “pelo telefone”⁶ partilha das mesmas referências:

Tomara que tu apanhe
Pra não tornar fazer isso
Tirar amores dos outros
Depois fazer teu feitiço

A partir dos exemplos acima, estamos querendo provocar algumas reflexões sobre a circulação de sentidos e significados, no interior da cultura popular, que associam as religiões de matriz africana a feitiço, ao mal, ao negativo⁷. A priori, tal como aponta Certeau (2000, pág. 82) em relação a culturas populares, as maneiras de fazê-la (a cultura popular) tem como propedêutica a não autonomia do campo de ação. Neste sentido não podemos entender o samba como obediente e passivo, mas tampouco devemos analisá-lo como uma categoria da cultura popular que canta certos objetos ou modelos culturais específicos e coerentes, carregando homogeneidade poética espontânea, pura, ingênua e arregimentando aquilo que convencionalmente identificamos como “ritmo negro de resistência” (Azevedo,

⁴ A história na longa duração só é compreensível quando visualizada em séculos, pois é estrutural: “para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas ... tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações” (BRAUDEL, 2007, p.49).

⁵ NOBRE, Dudu; LOPES, Nei. Vou botar seu nome na macumba. Rio de Janeiro: Universal Music, 2003. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/zeca-pagodinho/75114/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

⁶ DONGA; ALMEIDA, Mauro de. Pelo Telefone. Rio de Janeiro, 1916. Site com letras de músicas. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/donga/1120957/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

⁷ Religiões de matriz africana, religiões afro-brasileiras, candomblé serão categorias usadas ao longo do texto como sinônimos.

2008, pag.1). Os mecanismos de dominação simbólica também atravessam as referidas produções musicais e sob a ótica do que nos mostra Michel de Certeau (1994, pág. 86) expõe um processo complexo que implode análises que ora insistem no caráter dependente deste gênero musical em relação a outras narrativas, ora exaltam uma autonomia concernente aos contextos de suas elaborações. Nesse caso, tanto quanto qualquer outro gênero da música, o samba (e as músicas apontadas no texto em particular) deve ser pensado como produtor de sentido, em paralelo a reflexões que reconheçam as apropriações destes significados como diversas, multifacetadas, ambivalentes e muitas vezes estranhas àquele que os produziu. Diante disto, sobre as religiões afro-brasileiras, quais sentidos e significados são experienciados e partilhados pela pluralidade de quem produz e de quem consome (no sentido certoniano do termo) músicas como essas acima? Como diferentes comunidades e grupos sociais apropriam, usam e compreendem estas canções?

É fato que canções como essas podem ser apropriadas de formas variadas por diferentes públicos, desconstruindo, mas por vezes reforçando determinados significados negativos relativos às religiões afro-brasileiras. Os referenciais partilhados e compartilhados pelas expressões populares em relação às religiões de matriz africana estão fincados em um fenômeno de longa duração e vinculados aos significados da presença africana e negra na formação histórica e social do Brasil.

Segundo Santos (2019, pág. 36)

(...) assim como não é possível enxergar uma "democracia racial" no país, também não é possível acreditar que as desigualdades sociais e raciais construídas dentro dos processos de formulação da sociedade brasileira não estejam ligadas aos processos de construção da intolerância religiosa sobre os adeptos das religiões de matriz africana.

2. Sentidos e significados de africanos (as), negros (as) e religiões de matriz africana: reflexões introdutórias sobre a igreja católica.

Reconhecer que os sentidos e significados negativos partilhados e compartilhados em relação às populações africanas / negras e às religiões de matriz africana são um fenômeno de longa duração requer cuidado com uma miríade de questões teóricas muito complexas. Ao menos uma delas repousa no anacronismo. Há ainda hoje uma tentativa da historiografia de encontrar uma expressão que nomeie o racismo antes da teoria das raças. Segundo Bethencourt (2018, pág. 21),

há discriminações e preconceitos étnicos desde a Idade Média até os dias atuais, e a expansão europeia deu origem a um corpo coerente de idéias e práticas associadas à hierarquia dos povos de diferentes continentes.

Por outro lado, a busca por uma originalidade do fato histórico ou, como diria Veyne (1983, pág. 40), a convicção de que a história não se repete, e que a individualidade do fato histórico, supõe uma singularidade, tem intimidado análises de recortes temporais mais amplos sobre o racismo no Brasil. As contribuições do referido autor, que propõe um inventário das diferenças, introduzindo um dispositivo teórico-conceitual que são as constantes trans-históricas variáveis, podem servir de base para ser pensar tanto o racismo, como a intolerância religiosa em relação às religiões de matriz africana. Por um lado a dimensão trans-histórica nos ajudaria a pensar raça e religião em diferentes conjunturas históricas, com o objetivo de atingir um conhecimento cada vez mais amplo das questões que atravessam essas duas categorias. No que diz respeito ao variável, esta dimensão analítica daria suporte ao processo de identificar especificidades de cada contexto histórico estudado (VELOZO, 2017, pág. 245).

Nesse caso pensar o racismo e a intolerância religiosa como fenômeno de longa duração exige de nós historiadores encontrar aspectos de generalidade e repetição que poderiam caracterizá-los em distintos períodos históricos. Ao nos debruçarmos no processo histórico de construção da hierarquização étnica, concernentes ao africano, ao negro e suas religiosidades, no qual a Igreja Católica teve um papel importante ao sustentar que os africanos estavam destinados a escravidão, entre outras coisas, em razão da maldição proferida por Noé (DAVIS, 2001, Pág. 83), catolicismo é possível insinuar, com certa cautela, que as reminiscências de estigmatizações (GOFFMAN, 1963, pág. 16) em relação aos negros/africanos e suas religiosidades atravessam séculos.

Particularmente no Brasil, a Igreja católica, por meio do Padre Antonio Vieira, é que inaugura o debate sobre a escravização de africanos. Colocava-se ele contrário à escravização dos índios, mas, favorável no caso da escravização africana. Em um dos sermões pregados na década de 1680, ele discute explicitamente o problema e usa a tese da relação entre escravidão e pecado para aconselhar os escravos à obediência (WEFFORT, 2006, pág. 42; FERREIRA Jr; BITTAR, 2003, pág. 43, CARVALHO, 2005, pág. 40). Vieira faz a apologia da escravidão como salvação do africano.

Ainda no Brasil, o texto do jesuíta Jorge Benci, intitulado "A economia cristã dos Senhores no Governo dos Escravos", escrito em 1705 compartilha das

mesmas idéias (CARVALHO, 2005, pág. 41). Esse autor entendia a escravidão na perspectiva tradicional de conseqüência do pecado original. Para justificar a escravidão dos negros remete-se ao argumento de que eles seriam descendentes de Cam, o filho de Noé que fora amaldiçoado pelo pai por ter zombado de sua nudez⁸. A bíblia fornecia, assim, um argumento proto-racial⁹ em favor da escravidão, e as bases hierarquizantes advindas deste processo persistiram no imaginário da sociedade brasileira e foram ressignificados posteriormente pelo racismo moderno do século XIX. Dessa forma, esboça-se uma hierarquização que já se sublinha nos primeiros pensadores que tratam do novo mundo. Este axioma, defendido majoritariamente por religiosos, apresenta-se sob a forma de contraste entre índios, negros e brancos, uma embrionária tentativa de “classificação racial”, na qual os índios eram vinculados à raça branca (POLIAKOV, 1974:110).

De todo modo ao longo ao longo de quase quatro séculos a Igreja católica, por meio de seus missionários, produziu relatos, tratados, sermões que expuseram uma visão marcadamente hierarquizada sobre africanos e negros das colônias. Bethencourt, (2018, pág. 130) descreve o caso de Giovanni Antonio Cavazzi, um frade capuchinho, de meados dos anos seiscentos, autor de um relato sobre Angola e Congo. O referido autor enumera a listagem de defeitos dos povos em questão: “autorização do roubo, malícia, a arrogância, o despudor, preguiça, inaptidão, recusa ao trabalho, falta de iniciativa, incapacidade de inventar coisas (...)”

O fato é que com a expansão europeia, o fenótipo passou a ser um elemento essencial para a taxonomia da humanidade. Os povos eram categorizados a partir de referenciais europeus que articularam uma gama de estereótipos de atitudes e comportamentos que depois seria recuperado pelo racismo científico. (BETHENCOURT, 2018, pág. 249).

Por outro lado, as religiões africanas eram vistas como feitiçaria ou idolatria, e a conversão ao cristianismo não transformou significativamente a percepção dos europeus sobre os africanos (Bethencourt, 2018, pág. 146). A Igreja católica, a despeito de sua hegemonia no campo religioso brasileiro, permaneceu partilhando e compartilhando sentidos e significados hierarquizantes em relação aos negros e africanos. Estes estereótipos proto-raciais, já consolidados no seio da referida religião, permaneceram (e permanecem) enquanto reminiscências dentro processo

⁸ Esta tese foi defendida e refutada até meados do século XVIII, período em que gradualmente as explicações religiosas vão perdendo espaço para a ciência. Sobre esta questão, ver: Davis, 2001.

⁹ Mattos (2000) utiliza esse termo para classificar as hierarquias existentes entre brancos, negros e mestiços, antes do conceito científico de raça.

de produção de sentidos e significados que a Igreja católica produziu em relação aos descendentes de africanos no Brasil e suas religiosidades. O catolicismo construiu uma narrativa de contraponto as religiões de matriz africana que reforçavam o bem X mal, na qual a cristandade, a Europa e a brancura européia estavam associadas ao primeiro enquanto os africanos e crenças personificavam o pecado, a deficiência, o defeito. Tal como destacamos no início deste artigo, estes princípios se capilarizaram socialmente, sob égide do catolicismo, integrando o universo de referências das culturas populares que de forma ambivalente produzem perspectivas que podem contrapor ou reforçar concepções negativas sobre o negro e suas religiosidades de matriz africana. O samba, por exemplo, disponibiliza a população sentidos e significados do que é religião de matriz africana, negros (as) e pode ser uma importante fonte de reflexões sobre intolerância religiosa. Mesmo entendido como uma expressão cultural de resistência e manutenção da cultura negra não está imune aos significados e sentidos partilhados e compartilhados nas relações sociais sobre as religiões de matriz africana. Nesse sentido o referido gênero musical é também produtor de sentidos sobre as religiões afro-brasileiras e por vezes articula as mesmas noções demonizadoras, negativas e racializadas veiculadas por instituições religiosas. Com isso não estamos querendo atribuir ao samba o rotulo de intolerante, mas provocar uma reflexão inicial sobre a capilaridade dessas categorias negativas no seio da cultura popular, pensando que estas têm uma potencialidade formativa ainda pouco investigada.

Não temos ainda pesquisas que nos mostrem como essas noções são apropriadas pelo público consumidor do referido gênero musical, mas parte dos referenciais que “filtram” este consumo tem relação com os referenciais com significados e sentidos partilhados e compartilhados pelo a Igreja católica (num primeiro momento e contemporaneamente pelas Igrejas neopentecostais)

Ao contrario do racismo científico que perdeu força e prestígio ao longo século XX, as hierarquizações advindas das religiões parecem ganhar novo fôlego agora com o advento das Igrejas neopentecostais. Associação das religiões africanas ao negativo, ao feitiço, à magia vem ganhando novo alento no seio evangélico, capilarizando entre setores não-evangélicos noções que pareciam superadas, mas que se mantinham como presenças-ausentes no imaginário social brasileiro. De fato, os evangélicos neopentecostais contribuíram com narrativas de estigmatização, ampliando, com o apoio das mídias impressas e audiovisuais, o alcance das populações formadas e informadas sobre os sentidos e significados das religiões afro-brasileiras.

Por outro lado, não é possível desconsiderar a participação da Igreja católica no processo que também estigmatizou as religiões de matriz africana, pavimentando um caminho que culmina hoje com essa polarização. E quando afirmamos isso, não nos referimos ao período compreendido entre os séculos XVI e XIX, mas a todo processo persecutório da primeira metade do século XX que teve apoio, praticado também através do silêncio, da Igreja católica.

A Igreja católica no Brasil manteve uma hegemonia religiosa de quatro séculos e mesmo ao longo do século XX, a formação religiosa de uma parcela da população brasileira, foi protagonizada por referenciais católicos. Apesar das tensões internas do Catolicismo que culminaram em alas progressistas no interior da Igreja na segunda metade do século XX (Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base), o terreno em que esta polarização intolerante contemporânea germinou foi por muito tempo cultivado por uma hegemonia católica. Evidente está que a ordem das ações públicas no âmbito da intolerância entre católicos e evangélicos são influenciadas por diferentes mediações, mas ambas possuem papel relevante na manutenção dos estigmas que caracterizam os negros e sua religiosidade de matriz africana.

3. Conclusão

Neste artigo buscamos oferecer apontamentos iniciais sobre a questão das hierarquizações raciais de negros e africanos, bem como suas religiosidades e os estigmas que, em fenômeno de longa duração, continuam subsidiando de sentidos e significados o imaginário social. Os sambas apresentados no início deste trabalho têm como objetivo nos provocar a pensar sobre as reminiscências desse passado que são compartilhadas e partilhadas pela cultura popular. Nesta última, por vezes, estão presentes noções que polarizam o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, associando à primeira ao bem, a branquura e a segunda ao feitiço, ao mal, a negritude. Estes referenciais historicamente disponibilizados na arena pública vêm mediando a formação e informação dos grupos sociais e reforçando estigmas que ganharam novo alento com a ascensão das Igrejas neopentecostais.

Compreendemos que este fenômeno de polarização intolerante atribuídas aos neopentecostais e vivenciadas nas últimas décadas no Brasil não podem ser pensadas sem considerar o processo histórico, social e religioso de formação da sociedade brasileira, sob a égide da Igreja católica. A hegemonia do Catolicismo durante quatro séculos foi produtora de sentidos e significados, que tal como nos

mostra a historiografia, contribuiu para esse outro estigmatizado em atributos e características negativas e hierarquizado, personificado na figura do negro e do religioso afro-brasileiro.

Por outro lado, ações que queiram combater a intolerância religiosa devem estar atentas também à reprodução dessas concepções negativas sobre religiões de matriz africana no interior da cultura popular. Não podemos descartar a potencialidade formativa dessas expressões culturais na formação e informação da população brasileira.

Bibliografia

A grande batalha de confetti promovida pelo Globo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1926. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=192019261214>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BETHENCOURT, F. **Racismos: Das cruzadas ao século XX**. São Paulo: Cia das Letras, 2018

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, Universidade de São Paulo, XXXI, (62), 1965.

BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

BOSI, A. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

CARVALHO, J. M. **Pontos e Bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: EBDUFMG, 1999.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, M. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico.. **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 13 Jan. 2020.

DAVIS, David Brion. **O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. A pedagogia da escravidão nos sermões do Padre Antonio Vieira. Revista **Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 43-53, jan./dez. 2003.

GOFFMAN, ERVING. **Estigma Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1998.

GUIMARÃES, R. da Silva Passado sempre presente: uma análise da configuração do racismo na sociedade brasileira sob uma perspectiva histórica de longa duração. **Debate PUC-RIO**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7696/7696.PDF>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Aug. 2017.

MIRANDA, Claudia ; SOUZA, R. J. . Continuísmos e Rupturas na seleção de saberes escolares de História (s): entre um Brasil Colonial e um Brasil Decolonial. In: Claudia Miranda; et al. (Org.). **Relações Étnico-Raciais Na Escola: Desafios Teóricos E Práticas Pedagógicas Após A Lei .639**. 1ed.Rio de Janeiro: Quartet, 2012, v. 1, p. 14-27

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a formação social do negro brasileiro**. Petrópolis, vozes, 1988

PASSOS, ANA HELENA. A longa duração do racismo. **Debate PUC-RIO**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7693/7693.PDF>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

POLIAKOV, L. **O Mito Ariano. Ensaio sobre as Fontes do Racismo e dos Nacionalismos**. São Paulo: Perspectiva / EDUSP, 1974.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, págs 275-289, 2002.

SANTOS, IVANIR. **Marchar não é caminhar: interfaces políticas e sociais das religiões de matriz africana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Palas, 2019.

SCHWARCZ, L. K. M. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SOUZA, R. J.. Religiões afro-brasileiras: notas introdutórias da cultura negra no Brasil. In: Franck Pierre Gilbert Ribard; Georjina da Silva Gadelha; Raquel da Silva Alves. (Org.). **Documentos Afro-brasileiros Revista do Arquivo Público do estado do Ceará**. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2009, v. 7, p. 79-91.

WEFFORT, Francisco C.. **Formação do pensamento político brasileiro - Idéias e personagens**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2006.

VELOZO, S. M. S. O inventário das diferenças / História e Sociologia. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres-MT; UNEMAT Editora 2017, p. 227 - 235, 30 dez. 2017.

VEYNE, Paul. **O inventário das diferenças/História e Sociologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.